

# Podcast “Saberes tradicionais: que histórias queremos contar?” Para a formação de professores de Ciências e Biologia

Aline de Moura Mattos<sup>1</sup>

Viviane Brito Nogueira<sup>2</sup>

O podcast “Saberes tradicionais: que histórias queremos contar?” surge a partir de inquietações acerca dos conhecimentos valorizados em nossa formação acadêmica e profissional, bem como das histórias que nos contaram e contam ao longo da vida: por que valorizamos certos conhecimentos em detrimento de outros? Por que contamos apenas uma versão de determinada história? Por que nossas referências bibliográficas, em sua maioria, são europeias ou estadunidenses? Quais disputas estão envolvidas nisso tudo?

Estes foram alguns dos questionamentos que perpassaram a formação inicial de professores em duas turmas de estágio supervisionado do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2020. Os estágios supervisionados são momentos privilegiados na formação docente, em que os(as) licenciandos(as) são convocados(as) a refletir, a planejar e a executar práticas pedagógicas. A discussão sobre o que e porque abordar determinado conhecimento vem à tona e, nesse sentido, os estágios constituem um momento muito propício para abordar temáticas como a decolonialidade voltada ao ensino de ciências e biologia.

Em um cenário de escancarada desigualdade social e de negacionismos diversos, que marcaram o ano de 2020, a pergunta “como chegamos até aqui?” orientou o início de nossos estudos nos estágios. A fim de levarmos a sério “o brasileiro tem que ser estudado”, contamos com “Outros 500:

---

1 Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, docente no Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, line\_mattos@yahoo.com.br;

2 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, vivianbritonogueiraa@gmail.com;

uma conversa sobre a alma brasileira” (DIAS; GAMBINI, 1999) e “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil” (RIBEIRO, 2015). Leituras que nos mobilizaram e perturbaram, pois são obras que contam uma outra história para o que foi disseminado como “o descobrimento do Brasil”. Brasil, país com nome de vegetal, onde “juntos formamos esse assombro de misérias e grandezas” (ANDRADE, 1980).

Pensar a nossa história enquanto nação considerando “a invasão de Pindorama” e não “o descobrimento do Brasil” movimentou nossas aulas, crenças e narrativas. Refletir sobre a invasão de Pindorama nos levou, inevitavelmente, aos saberes dos povos originários e suscitou outros questionamentos: por que nunca nos ensinaram tupi nas escolas e nas universidades? Por que não conseguimos nos lembrar de nenhuma ciência indígena ou africana abordada em nossa escolarização? Por que não valorizamos a oralidade na academia?

Que histórias nos contaram, que histórias temos contado e que histórias queremos contar?

Com Krenak (2019) aprendemos que é possível adiar (ou apressar) o fim do(s) mundo(s) podendo contar mais uma história. Com Adichie (2009) refletimos sobre os perigos de se contar uma história só. Há um provérbio africano que diz: “A palavra que não pode sair da boca acaba se tornando baba peçonhenta” (COUTO, 2012). Dessa necessidade de dizer e de contar outras histórias, produzimos o episódio de podcast “Saberes tradicionais: que histórias queremos contar?”, como um material didático a fim de auxiliar as reflexões iniciais dos(as) licenciandos(as) acerca da decolonialidade (QUIJANO, 2010) no ensino de ciências e biologia. Dessa forma, o podcast foi trabalhado como um material inicial para estudos sobre currículo e decolonialidade nas atividades de estágio supervisionado na licenciatura em Ciências Biológicas, pois a elaboração desse material partiu de um estranhamento lançado acerca dos conhecimentos legitimados em nossa escolarização, bem como sobre nossa história coletiva. Dessa forma, acreditamos que esse podcast pode auxiliar professores e professoras a introduzirem temáticas sobre currículo e saberes não hegemônicos em seus cursos, seja por meio de discussões seguidas da escuta do podcast (como foi no caso em questão), ou por meio de reflexões, debates, seminários, etc.

O processo criativo do roteiro do podcast foi fruto de pesquisas de trabalhos científicos, de filmes, de documentários, de palestras e livros. Após o apanhado geral de conteúdo e inspirações, a pauta definida direcionou para 3 blocos: o primeiro bloco contendo conceitos e conteúdo teórico sobre conhecimentos tradicionais e científicos; o segundo bloco sobre o contar

histórias – buscando refletir sobre as histórias ouvidas no passado e as histórias que vamos contar no futuro; e o terceiro bloco foi uma coletânea de histórias e traços culturais envolvendo os saberes tradicionais. No processo produtivo, não houve imprevisto: o roteiro foi escrito e a sonoplastia foi pensada previamente. Dessa forma, conseguimos promover discussões entre os colaboradores. Essas discussões foram tão valiosas quanto o produto final – o episódio de Podcast.

Nós escolhemos o formato de áudio como material didático para contemplar a multiplicidade de formas de aprender e refletir dos estudantes, especialmente importante no formato de ensino remoto emergencial. Como conta apenas com sons, compartilhamos nossos áudios no YouTube<sup>3</sup>, uma plataforma popular que dispõe de um gerador de legendas automático como proposta de inclusão. O episódio de podcast, com 23 minutos e 55 segundos, traz um apanhado geral sobre saberes tradicionais, buscando contar algumas outras histórias e enaltecer alguns saberes que não foram abordados em nossa formação escolar e universitária.

Assim, acreditamos que esse material contribuiu - e pode contribuir - na formação inicial de professores de Ciências e Biologia na medida em que proporcionou aos(as) futuros(as) professores(as) condições para questionamentos e críticas acerca dos pressupostos colonizantes na educação e no ensino de ciências. Também contribuiu para debates e reflexões acerca da diversidade de saberes, (re)conhecendo as lutas e resistências de grupos culturais que têm sido socialmente excluídos. E, por fim, engajou os(as) licenciandos(as) na construção de propostas de ensino que valorizassem as diversas formas de perceber as ciências, as vidas, os mundos, criando fissuras nas estruturas disciplinares e curriculares já estabelecidas.

Desde 2003, com a Lei 10.639, ficou instituída a obrigatoriedade de ensinar História e Cultura Afro-Brasileira no Brasil e desde 2008, com a lei 11.645, é obrigatório ensinar História e Cultura Indígena no ensino fundamental e médio (BRASIL, 2008).

Esse podcast se constitui como mais uma iniciativa e mais um esforço, pequeno e precioso, a fim de fazer valer o que está instituído por lei. Mas não só. Tanto na educação básica como no ensino superior, buscamos e trabalhamos por um ensino de ciências e biologia que dê visibilidade e representatividade aos saberes não hegemônicos, que integre vozes plúrais que historicamente foram excluídas dos âmbitos acadêmicos. Buscamos

---

<sup>3</sup> Link para acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=j6GzIBezYdA&t=384s&fbclid=IwAROnHuh6v6f3uKYhzUolanSUKLiIKP2JJLKnzw\\_6tLRwbhmgIPlniN OTpRoA](https://www.youtube.com/watch?v=j6GzIBezYdA&t=384s&fbclid=IwAROnHuh6v6f3uKYhzUolanSUKLiIKP2JJLKnzw_6tLRwbhmgIPlniN OTpRoA)

por formações que tragam debates sobre quais mundos estão em disputa, discussões e conhecimentos sobre ciência africana, ciência afro-brasileira, ciência indígena, ciência brasileira. Almejamos um ensino de ciências e biologia que não caia na armadilha da colonialidade, essa que insiste em contar uma história só.

Outro provérbio africano diz: “Enquanto o leão não puder contar sua história, a glória irá sempre pro caçador.” (COUTO, 2012). Que histórias queremos contar?

**Palavras chave:** saberes tradicionais, decolonialidade, formação de professores, podcast.

## Agradecimentos e Apoios

Aos(As) licenciandos(as) dos estágios supervisionados do curso de Ciências Biológicas da UFRN pelo acolhimento e disponibilidade à revisão de histórias e narrativas.

A Paulo Roberto Branco Lins pela contribuição na produção técnica – edição do som e composição musical na trilha sonora do Podcast.

## Referências

ADICHIE, C. **O Perigo da História Única**. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Disponível em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt). Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

ANDRADE, M. **Poesias completas**. 6ª ed. São Paulo: Martins Editora, 1980.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

COUTO, M. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DIAS, L.; GAMBINI, R. **Outros 500**: uma conversa sobre a alma brasileira. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B.; MENEZES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015.